

O Comércio de Guimarães

- SEMANÁRIO REGIONALISTA -

Propriedade de

H.º de M. Matilde C. F. Machado

Director e Editor interino:

DR. ARTUR ANSELMO

Redacção, composição e impressão

Rua D. João I, 59-61—Telefone, 42508—Guimarães

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Varandim

CONSIDERAÇÕES POLÍTICAS

Observações Semanais

—Sob o alto patrocínio de uma Comissão de Honra, a que preside o nosso Venerando Chefe de Estado, o Ministro das Corporações inaugurou, no passado dia 18, em Luanda, o IV Colóquio Nacional do Trabalho, da Organização Corporativa e da Segurança Social.

O objectivo fundamental destes Colóquios (os três anteriores foram realizados em Lisboa) é o estudo de todos os aspectos que mais influenciaram o progresso social, e a organização, eficiência e coordenação das instituições, serviços e estabelecimentos respectivos, nos planos regional e nacional.

Mas o acontecimento, neste ano, assume importância mais elevada, não só pela categoria dos participantes do Colóquio, como também pela colaboração do Ministério do Ultramar e da Saúde e Assistência.

Haverá exposições, portanto, das actividades dos três Ministérios—Ultramar, Corporações e Saúde.

E Angola vai ficar a conhecer o que tem feito o Ministério da Saúde e Assistência, em creches, jardins de infância, educação de surdos, cegos e débeis intelectuais a sua recuperação e preparação profissional, abrigos para velhos e recolhimentos, doenças irradiáveis, promoção social, educação sanitária, vaci-

Conclue na página 2

Todos notamos, nestas quatro décadas de vivência do regime do Estado Novo, que nem sempre tem havido—nuns casos por insinceridade de credo político, noutros por inexacto conhecimento do seu sistema ideológico,—um verdadeiro desentendimento da Política vigente, por banda de muitos nacionalistas, alguns até no exercício de postos altos da Governança e Administração Pública.

Sendo como é, essencialmente, a Política do Estado Novo uma política da unidade nacional, isto é, uma afirmação de anti-partidarismos, ou de fragmentações de classes, de raças e até de privilégios económicos ou intelectuais, muitas vezes, a propósito, felizmente, de casos de lana caprina pretende-se semear a discórdia e a cizania criando-se uma ambiência tantas vezes nociva a regulares e justas soluções governamentais.

A propósito de ter sido escolhido A ou B para este cargo político ou para exercer funções públicas, várias vezes temos escutado afirmações maldizentes e absolutamente antagónicas do credo político de quem as pronuncia.

Por causa dum fontenário ser colocado mais perto desta casa, do que daquela, quantas blasfémias se escutam proferidas por pessoas de comprovado merecimento político.

Se a administração escolheu, possivelmente mal, a situação dum campo de futebol aqui, em vez de ser ali, se projectou a abertura duma avenida ou a construção dum prédio, pelo vento nascente quando devia ser pelo lado onde o sol morre, não há forças capazes de fazer calar o coaxar das rãs e os homens até ficam inimigos uns dos outros, desenvolvendo infames campanhas difamatórias contra quem até ali era o melhor do mundo.

Outrossim, se há a desventura de qualquer plano governamental, aliás urdido com genialidade e devidamente estudado e ponderado, não resultar benéfico, nem útil, e pelo contrário ter sido de perniciosos efeitos, numa traição ao sublime pensamento que o ditou, no soalho da opinião pública estrondam pateadas e escutam-se pífios comentários nas mesas dos cafés, ou noutros locais de cavaqueira, até em voz alta, para que o Revirvalho ouça.

Pelo Dr. Artur Anselmo

Ora, se é certo que o espírito crítico, por ser uma manifestação de inteligência é, sempre, de se exigir (e até de escutar) a todos que servem o Estado Novo—pois até é uma forma de activa colaboração e de vivência dos altos problemas da administração pública—o mesmo não acontece quando o comentário crítico é um tempero picante de ruindade e de maldicência.

E atinge o acume de grande pecado político quando esse comentário, por mais justo que seja, visa a formação de partidos, de grupos e grupinhos, colocando, entre todos os que servem o mesmo ideal, barreiras e sinais de separação.

Isto é um arremêdo da antiga política de caciquismo, por toda a gente odiada dado que só servia interesses pessoais, menoscabando o interesse colectivo, o interesse nacional.

Só a união faz a força.

Separar é tornar menos forte o nosso poder de políticos do Estado Novo.

Sim políticos, mas só duma Política: a de Portugal.

Que importa que seja António ou Francisco o futuro Presidente da Câmara, que tivesse havido este ou aquele erro em certos actos da administração duma Câmara, dum Distrito ou doutro departamento estadual, que o decreto tal não resultasse benefício para a indústria, para o comércio, ou para a agricultura ou profissões liberais, se nós todos juntos, por força do nosso credo político, por amor desinteressado à causa que servimos, pela honestidade do nosso Governo, pela clarividência do nosso Chefe do Governo, pela disciplina e boa vontade do Nosso Povo nós, que já tantas e tantas maravilhas, nestes 40 anos, construímos, ainda estamos presentes, até pelo sangue novo da juventude dos nossos filhos para tudo se remediar, melhorar ou refundir.

Nada de deserções, nem de repugnantes cisões. Todos não somos demais para servir Portugal.

Insiste-se na conclusão do Estádio Municipal e o problema é, na realidade, de importância fundamental para o bom nome da cidade e para os seus interesses mais imediatos ligados à causa desportiva nos vários aspectos que dela irradiam.

O Vitória de Guimarães criou responsabilidades de que não podem alienar-se, parcela que seja, responsabilidades para a própria cidade. E' a sua primeira colectividade em função duma propaganda constante e da valorização física (e moral), da Juventude.

O Estádio é-lhe necessário, mas em condições de completa utilização.

Incabado como está, sem poder utilizar novos balneários, causa transtornos e uma impressão desagradável a quem vem de fóra. Que não se transformem, como as antigas obras de Santa Engrácia, as obras do Estádio Municipal.

Dignas do melhor registo as declarações do Prof. holandês Huijbregtse que uma vez visitou a nossa província de Moçambique.

Falando ao jornal «A Tribuna», afirmou que em 1965 havia estado em Moçambique e já nessa altura ficara imensamente admirado por ter visto o contrário do que os jornais holandeses diziam acerca das províncias ultramarinas portuguesas.

Acrescentou que, tornando-se os territórios portugueses do Ultramar muito conhecidos em

Conclue na página 2

FACTOS e Opiniões Alheias

Verdade e sinceridade na juventude

O tema «Juventude», é inesgotável. Vê-se de vários ângulos e prismas. Sinceramente que se trata de um caso sério. Mais pelo futuro que pelo presente.

Há motivos, ainda, para se perguntar se a gente moça caminha bem.

De «Acção»:

«Essa geração que sobe, ouviu dizer que terá de ser ela mesma a construir a sua verdade — o céptro com que reino aqui, ganhei o, não o herdei — porque se a verdade não nasce de nós, não é forjada por nós, será fraqueza e, talvez, mentira.

E a juventude lançou-se a construir a sua verdade, levada de enorme ansia de sinceridade. Acima de tudo ser sincero.

A nós, esta exigência de autenticidade — aspiração generosa e lúcida nalguns penumbra na alma da maioria, coisa vaga e indefinida para outros uma palavra e não mais — não nos impede de reconhecer o desfasamento espiritual e ideológico duma parte da gente moça.

No coração de muitos, o desejo de serem sinceros substitui o desejo de verdade. Orá, o primado da sinceridade sobre a verdade alguém o classificou já como a mais grave doença da inteligência contemporânea. Henri Engelman (2), cujo pensamento aflorou já várias nestas linhas, lembra a propósito as personagens que se agitam nas páginas de um romance francês, ferozmente resolvidas a construir a sua moral e a pautar por ela a vida. Não lhes importa que a pauta seja direita, uma vez que seja sincera...

Não basta a sinceridade.

Interessa a verdade — e esta é fundamental.

— Conclue na página 2

MISSA NOVA em Silvares

No passado dia 15 de Agosto — dia de Nossa Senhora da Assunção — a freguesia de Silvares viveu um dia grande.

Subiu, pelas 16 horas, pela primeira vez, os degraus do Altar o Reverendo Padre António Francisco Ribeiro, nascido nos limites daquela freguesia, do lar feliz do nosso amigo Sr. José Ribeiro, importante agricultor e de sua esposa D. Adelaide Ribeiro, que há três anos, já dera outro filho para o Sacrosanto Sacerdócio da Igreja Católica.

Nunca vimos — e tantas tardes temos lá passado — que um sol estival melhores cores colocasse na ambiência dos verdes dos campos daquela freguesia e maior tonalidade azulinea desse os seus longes e renques de árvores.

Cantarolava nas fontes, fartas e ubérrimas, a água que irrigava campos e abastecia fontenários.

A passarada, álcere e feliz, nos ramos dos arvoredos, soltava cantares festivos.

Os sinos da Nova Igreja, em ritual de grande festança, davam a toda a freguesia a agradável notícia de que mais um homem se vestia de preto para ser noivo da Igreja de Deus.

O boníssimo P.º António Ribeiro — o grande apóstolo e pároco da freguesia — até apresentava os seus cabelos brancos, de tantas canseiras e devoção a Deus, como sendo o luar anunciador de novas madrugadas de felicidade para o seu povo.

Muita gente — ricos e pobres, velhos e novos — enchia a Igreja, quando o Padre António Francisco Ribeiro, com o santo sacramento da Ordem, tomado após um curso brilhante, no Seminário de Braga, rezou a sua primeira Missa, junto de seus

PENSAMENTOS

■ Não pode mandar, senão aquele que primeiramente, soube aprender a obedecer. — (Solon).

■ A clemência liga os corações por laços que jamais se rompem. — (Malesherbes.)

■ O fim da humanidade não é a ventura; é a perfeição intelectual e moral. — (Renan).

■ Aquele que nada prevê, é sempre iludido; aquele que prevê de mais é sempre desgraçado. — (La Bruyère).

■ Se Cristo vos pede uma amostra, dai-lhe a peça toda. — (Santa Sofia Barat).

■ O pérfido, com Cristo, nada quer. Serve-lhe o pacto assinado com o diabo... — M. S.

CONCLUE NA 2.ª PÁGINA

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 10 de Agosto de 1966

Sob a presidência do Ex.^{mo} Senhor António Manuel Rodrigues Guimarães, Presidente em exercício, e com a presença dos Vereadores Ex.^{mos} Senhores Comendador Joaquim de Sousa Oliveira, Dr. Daniel Nunes de Sá, Eleutério Ramos Martins Fernandes e José António Pereira Rebelo Prezado.

Antes do início da reunião, pelo Ex.^{mo} Presidente foi conferida posse ao Vereador substituto, Senhor José António Pereira Rebelo Prezado, em substituição do Vereador Senhor Dr. Fernando José Antunes Saraiva Monteiro, que se encontra de licença.

— A Câmara tomou conhecimento das participações concedidas pelo Ministério das Obras Públicas respectivamente para as obras de «Construção do Caminho da E.N. 310 à Igreja paroquial de Briteiros Santo Estevão» e «construção da E.N. 604 da E. N. 207-4 a E.N. 206 por Atães e da folha de 20 adicional aprovada pelo mesmo titular, referente aos planos em vigor do abastecimento de águas rurais e esgotos. Deliberou, além do mais, o seguinte:

— Propor a declaração de utilidade pública e urgência da expropriação do terreno necessário para a construção do edifício escolar para o núcleo da Ucha de Bairro, da freguesia de Vizela S. Paio;

— Comunicar à Direcção dos Serviços Hidráulicos a necessidade da limpeza do ribeiro de Couros;

— Adquirir 2 baterias novas para a caminheta Commer dos Serviços de Limpeza;

— Indeferir o pedido de Eugénio Dias Ferreira, para cobertura com telha, de um barraco sito no lugar do Silveirinha, freguesia de Fermentões;

— Aprovar o novo caderno de encargos para nova concessão do Internato Municipal e escola primária municipal;

— Conceder licenças a diversos funcionários;

— Mandar fazer o estudo do arruamento de ligação da Avenida D. João IV a Urgezes;

— Adquirir diverso fardamento para o pessoal operário;

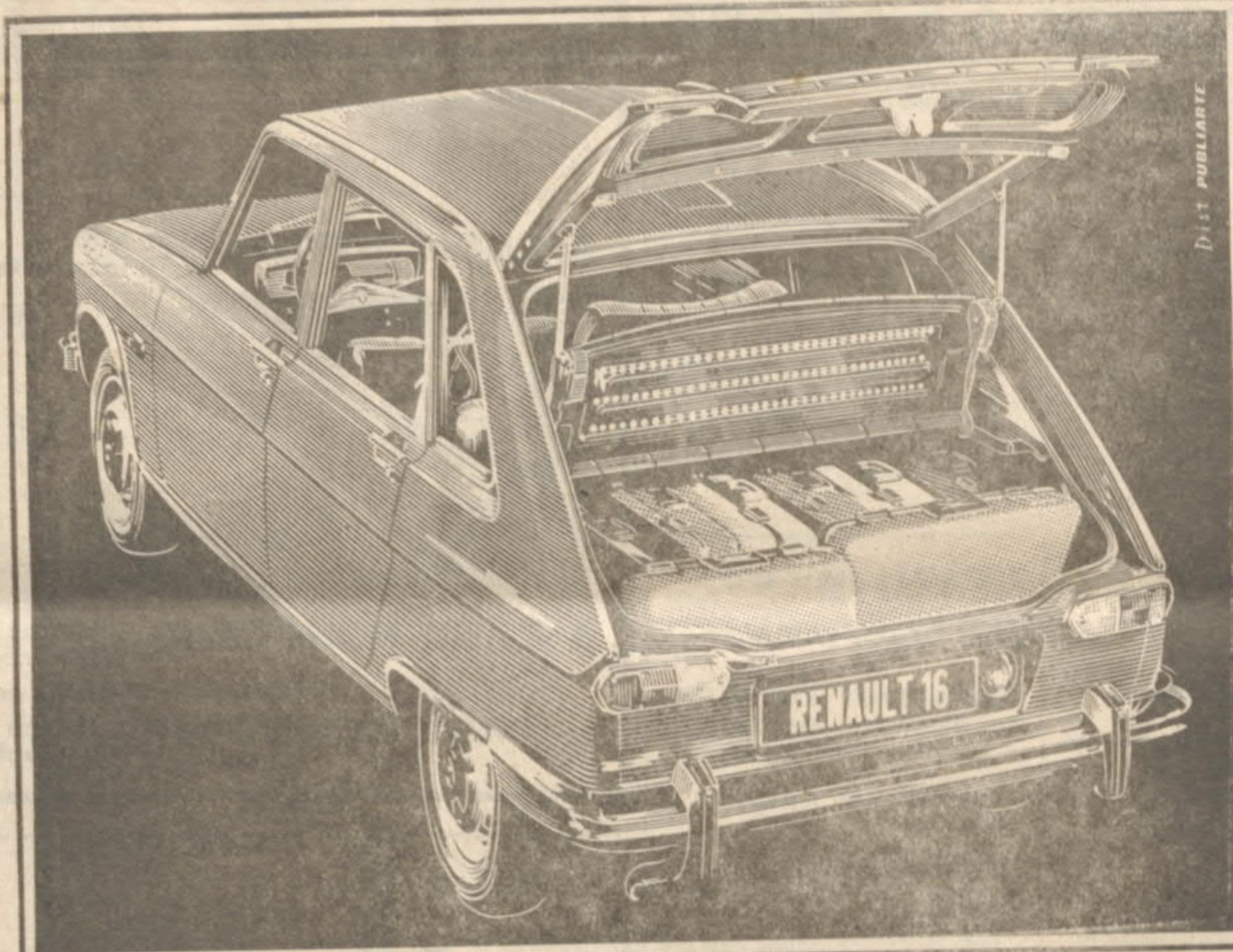
— Colher propostas para a limpeza do colector geral da rua Francisco Agra, Rua da Caldeirôa e riacho da mesma rua;

— Conceder Licenças para obras a: José Francisco Ribeiro, Manuel de Oliveira, José da Silva, Olívia Eugénia de Menezes Matos, António da Costa Rodrigues Cardoso, António José Borges da Silva Teles, Manuel da Silva, Frontelina Alves Pimenta de Almeida, Carlos Ferreira e Joaquim Dias Machado.

Objectos achados

Encontram-se depositados na Secretaria da Secção da P. S. P. diversos artigos encontrados abandonados na via pública e que serão entregues a quem provar pertencer-lhe:

Várias importâncias em dinheiro, uma caixa com um cinto, uma caixa com brincos em ouro, um cão, um porta moedas, várias chaves, um aro de farol de automóvel, um chapéu, um fêrrô de saia, uma pasta c/ documentos, um esmalte em ouro; um sapato de criança, um tampão de roda de automóvel; uma caneta de tinta permanente, um véu, uns óculos numa bolsa, várias luvas, um calção em ferro de automóvel, dois guarda chuvas, um fio em ouro.



porta.bagagens extensível

V. pode arrumar 10 malas, se quiser! Claro que esta é a solução ideal: o porta-bagagens "cresce" na medida das suas necessidades. De 346 dm³ aumenta para 424 dm³ avançando 15 cm o banco de trás; É Fácil e Rápido! E se V. quiser ainda mais espaço para bagagens, o banco de trás levanta-se totalmente, aumentando então o volume do porta-bagagens para mais de 1250 dm³... Descubra V. mesmo as inteligentes soluções adoptadas no acabamento interior do R 16, a comodidade dos "fauteuils" o sentido de conforto que se encontra em cada pormenor, o silêncio, a maravilhosa suspensão, e as extraordinárias qualidades de estradista de grande classe, sem prejuizo de uma agradável e desembaraçada condução urbana.

Veja-o hoje mesmo, e, sobretudo, experimente-o. O Agente Renault mais próximo está à sua disposição.

RENAULT  **16**

Montado em Portugal

O CARRO DO ANO

Ganhou o Oscar atribuído pelo Juri Internacional dos Jornalistas das Revistas Especializadas em Automóveis (Auto-Visie)

Em exposição nos agentes da UTIC nas capitais do Distrito

Distribuidor Exclusivo: **UTIC** Avenida da Liberdade, 136 — Lisboa Avenida dos Aliados, 195 — Porto



SECÇÃO DESPORTIVA

DIRECÇÃO DE
Angelo Pinto Camelo

© VITÓRIA em terras de Espanha

Partiu, na passada quarta-feira dia 24, a caravana vimaranense que em terras de Espanha, procurará firmar uma posição que nos honre e levante mais alto o nome desta Cidade-Berço e o Desporto Nacional.

Do seu quadro farão parte os novos recrutas que, na época que se avizinha, procurarão lutar por um lugar digno ao sol da vitória e uma firmeza de efectividade que lhes permita manutenção de lugar na primeira formação do Club.

Bem sabemos que o tempo de que o grande técnico, *Jean Luciano*, dispôs, se tornou insuficiente para preparação que melhor condissesse com os desejos de todos e com as aspirações do próprio conjunto.

Seja porém, qual fôr o resultado final sabemos compreender as condições de tempo e muitas outras circunstâncias que têm influência decisiva no rendimento global dos quadros futebolísticos.

Duma opinião nos deixamos possuir absolutamente aos nossos rapazes não faltarão o brio nem a vontade firme de atingir o melhor.

Ganhar ou perder tudo é desporto.

Mesmo perdendo, podemos tornar-nos exemplo de saber, querer e ensinar a forma de bem interpretar o momento culmi-

nante da vitória ou o amargo da derrota, quando, justa ou injustamente, nos bate à porta.

Podemos pois, confiar nos nossos rapazes que saberão prestigiar o nome de Guimarães e semear, em cada terra por onde passem, o germen dum vitorianismo, capaz de conquistar as mais díspares intencionalidades e os temperamentos mais heterogéneos e hostis.

Envolto nos louros de vitórias ou sentindo o peso da derrota, saibamos recebê-los com o carinho que se nos tornou peculiar, pondo de parte aquele espírito de conveniências e oportunismo, que jamais devem ter alojamento nas almas de homens integros e que sabem prestigiar o carácter e as verdadeiras determinantes da vida, em que tantos e tantos tergiversam e tomam rumos muitos «sui generis», a coroar uma senda de incongruência de princípios e de assinalável discrepância com as normas que regem os homens que de tal nome se tornam dignos.

Findou-se a «Volta» de 1966

Com boas recordações para uns e inesquecíveis momentos tristes para outros com decisões criteriosas e com injustiças com sorrisos e amarguras terminou a «VOLTA» de 66 que, em grande parte, bem cumpriu o velho aforismo.

«Quem torto nasce torto morre».

Não errámos, quando afirmámos que a vitória acabaria por pertencer a um português.

Francisco Valada viu assim

— Conclue na página 3